



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



Desafiando o fio da escrita


Mês de Fevereiro de 2024

Nova Atena



Desfiando o fio da escrita

ÍNDICE		
AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Carlos Baptista	31 de dezembro	2
Faustino Vital	O monólogo de camões (I parte)	3
Faustino Vital	O monólogo de camões (II parte)	4
Fernando Baptista	Eu sei mais do que eu	5
Fernando Baptista	Felizmente somos diferentes	6
Francisco Lourenço	Sonhar com um golpe de asa	7
Graça Cêncio	“Borboleta é um ser de misteriosos nadas”	8
Graça Cêncio	“Escolho o silêncio para falar de...”	9
Jerónimo Pamplona	“Borboleta é um ser de misteriosos nadas”	10
Luísa Machado Rodrigues	No autocarro	11
Maria de Lourdes Santos	Dias dos namorados enamorados	12
Maria Silveira	Cirros	13
Maria Teresa Castro Nunes	Camões à minha maneira	14
Mitú Branco	Ninho azul	15
Mitú Branco	Amor Amor	16
Pilar Encarnação	O naufrágio	17
Regina Ferreira	Tempo de Carnaval	18
Vasco Patrício	Eu sei que a humanidade é mais gente de que eu	19




Desfiando o fio da escrita

31 Dezembro 2023

Alentejo, derradeiro dia do ano
Sobreiros rodeados por pedras.
Imóveis, agrilhoados á terra.
E a erva cabisbaixa, sem ânimo,
Coloriu o chão de um verde taciturno.
Nuvens cinzento triste, assim tão triste
Como o ano que agora termina.
Ano em que nasceram mais guerras,
Mais violência, mais miséria.
É a vil tirania a ganhar asas.
A envenenar as democracias
Espalhando a mentira nas redes sociais.
As audiências, e só as audiências
São a única preocupação de televisões e jornais.
E a Justiça abandonou a discrição e o recato
Trocou a eficiência pelo espetáculo.
A julgar demora uma eternidade,
E quem prevarica vive em impunidade.
Dos políticos não falo, porque me dá azia
Prefiro falar de esperança,
Esperança que é o mel que adoça a vida.
Esperança numa Justiça mais justa,
Num jornalismo verdadeiro e democrático
No fim das guerras e das misérias
Que os povos vivam em paz é o que espero.
Assim seja.

Carlos Baptista



Desfiando o fio da escrita

O monólogo de Camões (Parte I)

Pssst, pssst,

Era noite escura. Camões bateu as palmas para a figura que se destacava na claridade da janela
Chamou dizendo baixinho: Minha mui querida Inês já aqui cheguei, é tarde bem sei, mas cá estou
Andei por becos, tropecei em pedras soltas, mas não podia faltar ao teu chamamento minha donzela

Tanto que este meu coração tem sofrido pela vossa ausência, eu sei de todo que culpa não vos cabe
Vosso pai não vai com a minha cara, eu que não sou de todo desinteressante, mas agora não importa
Falemos do nosso amor, minha adorada, minha doçura, deste amor eterno que vosso Pai, ai, não sabe.

Não dizeis nada? Não tendes para mim uma palavra de afeto? eu que fugi da guarda mais que uma vez
Só para vos ver, estar convosco, aqui de pé tanto tempo ao relento, que até já me doem os joanetes
Abanais a cabeça negando, que eu estou a ver à contraluz do vosso quarto, estarei eu enganado talvez?

Se não sois Inês, será que és a Antonieta, a Maria, a Catarina, talvez a Juvenália ou então a Margarida?
Desculpai que esta cabeça já não anda boa de recordações a breve espaço, sou poeta, mais não faço
Mas fiz, escrevi uma Epopeia, para reis, agora só escrevo sonetos de amor para quem me dá guarida.

Andei pelas Índias e em Ceuta, deixei lá um olho que não sei onde para, salvei-me por pouco do mar,
Mas isso agora não interessa, se não sois nenhuma destas que mencionei, serás assim uma nova musa
Dizei ao menos que usais saias e eu vos prometo, mais ainda do que posso, que vos vou passar a amar

Que hei-de eu fazer, enganei-me na casa talvez, como vos disse já só vejo de um olho chove a potes
A candeia de óleo daquela esquina estava apagada e a maldita guarda ronda e não me larga a peugada
Abanais novamente dizendo que não? Olhai para mim , escorreito e ainda vos conto dos meus dotes

Não faz mal, amor novo é sempre melhor que um mais velho com teias de aranha, e eu vos prometo amar
Tenho aqui no meu bolso, se ainda molhado não estiver, um lindo, belo soneto que muito vos irá agradar
É grandioso, amoroso, terno quanto eu o posso ser, que vos faça sonhar com amor tão largo como o mar

Não griteis, vou avançar para vos lo dar, tende cuidado e guardai-o com amor junto do vosso belo peito
Atenção a tinta não esborrate mas, se tal acontecer escreverei de novo pois está todo na minha mente
Mas, talvez se me convidásseis eu subiria mui lesto à vossa varanda para com prazer o ler no vosso leito

.....



Desfiando o fio da escrita

O monólogo de Camões (Parte II)

Dizeis mais uma vez que não com vossa cabecinha de um lado para o outro, mas, está quase na aurora
Que faço eu, descei que eu vos ajudarei, iremos para debaixo daquele arco e eu mostrarei o meu amor
Vejo bem que sois bonita e elegante, possivelmente uns olhos luminosos, descei, se não eu irei embora.

Sou sincero e confesso-vos que gostaria mais de estar em Lisboa, junto da minha bela musa, a Leonor
Mas seu pai não me acha de grande valia, diz que sou briguento, truculento de mau trato para os outros
Talvez por isso me desterraram para esta terra que os naturais dizem Constância, que só me causa dor

Não é a minha boca que fala, é meu coração ferido, preferia estar em Lisboa atado com mui barações
Eu sei o que é um amor perdido, não permitido, pela minha Natércia a quem dediquei meus versos
Para a esquecer, irei percorrer o mundo que se tornará mui pequeno por não sentir os seus abraços

Penso nela a todo o momento, não, não fecheis a janela, peço-vos, estou só a abrir o meu coração
Espero que compreendais o desespero de um amor antigo que está longe, as saudades que eu sinto
Todos os dias penso nela, envio mui mensagens ,quando posso, faço versos narrando a minha solidão

D'ela nada sei, talvez o pai pense eu não voltarei, talvez creia que esteja frio, meus membros já mornos
Sofro como um condenado, tenho ciúmes dos que por lá a rodeiam, ela é tão bela, cativante e sedutora
E eu aqui perante vós, dói-me tanto a cabeça, talvez seja o meu chapéu molhado ou do peso dos cornos.

Vou aproximar-me, e peço-vos mais paciência, não tarda nasce o dia quando soar o tiro de arcabuz
Mas, por favor não fecheis a janela com estrondo, alarmareis toda a casa, os criados virão ver quem é
Pior, vosso pai desconfiará do rebuliço, temendo por vós, virá ao vosso quarto saber e fará: truz, truz

Dizei alguma coisa agora, não a ele, que me poderá dar um tiro, dizei que gostais um pouco de mim
Assim me conhecereis, quiçá me vierdes a amar com todo o vosso ser e, eu voltarei noite após noite
Já me ajoelhei, a minha capa está ensopada, minhas meias cheias de barro e está a acabar o meu latim

Estou ouvindo o restolho de muitos pés no caminho lamacento, então, apressai-vos a dizer- me que sim
Deve ser a guarda na sua ronda, aquela que eu não quero encontrar, não que tenha feito algo de mal
Por tudo e por nada mandam parar, perguntam que faço aqui, direi que faço versos, e eles riem de mim

Escureceu a tua janela, toda a luz se apagou, eu vejo um rasgo de luar entre as nuvens negras como breu
Decidi-vos, fazei-me um sinal, mandai um lenço branco cheiroso que eu consiga ver que desta me aceitais
Mas apressai-vos, já me tremem os joelhos desta humidade e frio, ficai certa que, ou saís vós ou entro eu.

(desta vez Luís de Camões, na ânsia de escrever cartas de amor a todas as suas namoradas, atrasou-se na escrita, mas falou comigo e como era Camões não pude recusar e aceitei a publicação desta carta)

Faustino Vital



Desfiando o fio da escrita

Eu sei mais do que eu

Aqui me encontro ignorado por ti, entre tudo o que é vago e inexato, contemporizando com tudo, a tudo sorrindo, num amor adolescente ao Portugal do remorso, ledo às odes do Tejo, aos poemas mil que te cantaram e cantam, aqui me encontro Lisboa.

Batendo à tua porta, procurando a tua companhia. Não me desconheças nem perguntes quem sou. Viajante faminto de amor que busca a tua ajuda para alumiar o caminho.

Sinto por vezes perder o dom de olhar o mundo (a humanidade), com a poesia dos que não foram poluídos, dos que não foram enganados pela vida.

Debruço-me sobre o manto do teu tejo e eis que ergues diante de mim um jardim matinal e alegre, onde coroada de flores, vives a luz da beleza das tuas colinas, bairros, miradouros e com vaidade sempre ofereces um fado a quem te visita.

Construída de ruas e calçadas, de pedras cinzentas nas casas onde moras, enfeitas-te com uma cruz e uma coroa de mármore, e repousas a cabeça sob o tecto do teu tejo.

Este ano convidaram-me para um carnaval. Sinceramente não sei se vou. Não aprecio o carnaval, mas a humanidade leva sempre atras de si toda a gente que encontra. Tenho pensado no assunto e se aceitar, irei mascarado de rio tejo. É uma boa ideia, não é? Porventura ninguém estará disfarçado de ambiente, e por isso darei muito nas vistas. Ah! Esqueci de te dizer que tudo se passará num ambiente digital, com pessoas digitais, mas é muito bem feito. Olha até parece real.

Para o concurso de máscaras vou levar uma caveira para meter medo. Fica assim um rio tejo de morte. Assustarei decerto toda a gente. Até o ministro do ambiente está convidado, mas esse vai disfarçado de ministro.


Como adolescente entre os homens, busco coisas que dão sentido à esperança! Lúcido e não triste, recolhidos desenganos e contra todo o mal que possam querer fazer-te, rogo aos céus que dele caia qual dilúvio que pudesse o banho lavar todas as tuas feridas e as da humanidade.

Somos homens e mulheres complexos no meio da humanidade, cabelos grisalhos, machucados e exaltados pela vida, feridos e estranhamente compensados por essa mesma vida.

Envelheço a cada cinco cêntimos de tempo, regateio minha vida adulta porque quero sentir a ternura de outrora, quero ouvir o cântico, o clamor, a ladainha tudo a preço do tempo.

Agora nesta madrugada usual, nesta fronteira cercada, nesta resistência, nesta rosa vermelha e única, neste fumo, neste fogo, nesta liberdade, neste berro e neste silêncio, neste sangue e neste idílio de manhã que se aproxima, aqui e sempre, ignorado por ti, aqui me encontro.

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

Felizmente somos todos diferentes

Nos olhos; no olhar, meu amor, na estranha semente que germina, pelos meios das tardes insolúveis; no remorso do ser que foi e não voltará; na Terra e na vida, que são substantivos femininos e inarredavelmente nossos; no balaio cheio de dúvidas e de desejos famintos – no olhar, na semente, no remorso, na Terra e na vida e, também, na preocupada indiferença, visitámo-nos, visitámo-nos.

Em outra volta da Terra todos ficámos mais velhos. Porventura cumprimos os ritos cívicos de esperar, inábil, mas amantemente, pela sorte de viver melhor do que pudemos, e fomos fecundando o prazer da nossa espécie continuada. Lutámos na frente diária do trabalho e vicejámos um isolamento medíocre, tentando atribuir às palavras soletradas um sentido solene. O que nos dava o nome de amigo, recusou a nossa mão esticada. A indiferença pelo escoar dos dias absurdos permanecerá.

Por vezes com suavidade mergulhamos nos mansos rituais da multidão e foram momentos libertos, juntos, e fomos felizes, ainda que todos diferentes.

Morreram alguns companheiros; uns ficaram, mas é como se não estivessem. Conquistámos outros, enfrentámos o cerco de existir imitando o nada. Como a Terra, a ir ao apelo do corpo, deu outra volta sobre si mesma e fez anos. Houve quem proclamasse ser possível a felicidade entre os homens. Nesses momentos as melhores palavras que escutámos e lemos foram ditas pelo sentimento de justiça e, se algumas delas nos desagradaram, eis que, momentaneamente, não estávamos preparados para as entender em verdade, com um imenso sossego e um difícil perdão.

Aconteceu-nos tudo o que tinha de nos acontecer. Criámos raízes e memórias, e o nosso atrito com as pessoas, a injúria dos nossos actos, foi o preço pelo qual pagámos o ofício de estar vivos.

Aqui está janeiro e depois fevereiro, e o resto, e os ciclos, e as rugas, e a peugada inconsútil do nosso fascinante e breve e longo roteiro.

Amanhã será um belo dia e todos os dias serão belos, porque difíceis e rudes, e haverá cachos de acácias em árvores que hão-de ser plantadas e florescer; o passado será apenas um berro do presente, num murmúrio da distância, num remoto ciclo do passado.

Tudo poderia começar (recomeçar?) de outra forma, porém é assim e assim seja. Respeito as palavras o suficiente para jamais saquear do seu conteúdo rigoroso. Os meus instintos não rumam para actos vitoriosos, é certo, e como todos os homens são diferentes, imagino sorrisos felizes (também gosto de inventar sorrisos), ainda que muitos ocasionalmente os não possuam.

O tempo recuou, finalmente, pois as nossas esperanças renasceram nos galhos súplices das mágoas antigas e delas brotaram túrgidas flores.

Coragem, uma secreta viagem nos espera e um novo dia nascerá todos os dias diferente.

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

Sonhar com um golpe de asa

As Maiorias foram apanhadas, nas curvas do compadrio
Desde Lisboa até à Madeira, perderam muito do seu brio
Deixaram de ser Governantes, o Parlamento ficou frio!

No plano das retóricas, os Partidos prometem tudo
São promessas enganadoras, julgam o Povo cabeçudo!

Os Partidos não são claros, naquilo que pensam fazer
Os Trabalhadores só querem, boas contas poder fazer!


Comprar pão, fruta e azeite, pagar a renda da casa
Poder fazer boas poupanças e sonhar com um “golpe de asa”!

Poder ter boas Escolas, ter transportes confortáveis
Poder também aceder, a Casas seguras e habitáveis!

Tratar bem da Saúde, no público ou no privado
Tratar o corpo e a mente, ter a proteção do Estado!

Ter acesso à Cultura, poder viver em harmonia
Celebrar o bem-estar e dar vivas à Democracia!

Francisco Lourenço



Desfiando o fio da escrita

“Borboleta é um ser de misteriosos nadas”

Cristina acordou cheia de energia e com vontade de aproveitar o facto de estar no campo. Abriu a janela do quarto e deliciou-se com a lufada de ar fresco que a despertou e com o calor morno que a convidou a vestir uma roupa primaveril. Aprontou-se ligeira e desceu para tomar a primeira refeição. Há muito tempo que não saboreava a comida do pequeno-almoço. Frequentemente saía para o trabalho sem comer e quando tinha oportunidade para o fazer não tirava partido disso porque estava sempre preocupada com as tarefas e os compromissos que tinha para cumprir. Nem em tempo de férias conseguia desligar-se.

Finalmente estava liberta de tudo isso. Custava-lhe a acreditar que estava aposentada. Chegara a oportunidade de fazer com o seu tempo o que entendesse. A sua primeira decisão fora refugiar-se na quinta que herdara dos pais, longe da capital. Afastar-se de multidões, trânsito, correrias e pessoas tóxicas.

Aquela casa fazia-lhe bem. Trazia-lhe as doces recordações da infância, o carinho dos avós, as emoções da adolescência, a alegria dos Natais em família. Mas também a tristeza de já não ter ali os entes queridos que enchiam de ternura aquele lugar. Agora sentia a sua presença nos objectos que a observavam silenciosamente e no ar que respirava. Era estranho. Já não sentia um aperto no peito, mas antes uma enternecedora saudade.


Os ovos do pequeno-almoço, o pão caseiro, o sumo de laranja e aquele café de cafeteira tinham um sabor único. Comeu devagar, enquanto ouvia as “Quatro Estações”, de Vivaldi.

Quando terminou, colocou o chapéu de palha e foi procurar o telemóvel. Pegou nele, mas largou-o de imediato. Não. Não queria levá-lo consigo.

Mal saiu de casa, sentiu uma vontade enorme de percorrer a alameda dos castanheiros aos saltinhos, como fazia em criança, cantarolando “The sound of music”, do filme Música no Coração. Quando parou, estava ofegante, o que não admirava, porque já estava próximo dos setenta.

Sentou-se à beira da charca. A tranquilidade que a envolvia, o chilrear dos pardais, o coxar das rãs e o aroma de alfazema convidavam-na a deixar-se ficar ali. Não sabia quanto tempo tinha passado. Estava embevecida com tudo o que a rodeava. De repente, apercebeu-se que tinha companhia. Uma elegante borboleta branca voava à sua frente e parecia querer pousar no ramo de alecrim que segurava na mão direita. Teve, então, um pressentimento. Levantou-se de imediato e decidiu voltar para casa. Aquela borboleta viera dizer-lhe que eles estavam a chegar. Já tinha tudo preparado para os receber e aguardava-os com ansiedade.

Quando abriu a porta quase foi derrubada pelo abraço caloroso dos netos.



Desfiando o fio da escrita

“Escolho o silêncio para falar de...”

Faltavam apenas dois meses para celebrarem sessenta e oito anos de casamento quando Ana partiu sem dar tempo a despedidas. José sofreu em silêncio durante três meses até ir ao seu encontro.

&&&

Francisco e Manuel estavam de relações cortadas desde o dia das partilhas, por morte do pai. Naquele dia, Francisco recebeu a notícia da morte do sobrinho, filho de Manuel, e não hesitou em ir ao encontro do irmão enlutado. Quando se viram frente a frente abraçaram-se em silêncio.

&&&

Cristina e Eduardo viviam juntos há cinco anos. Um dia, ao chegar a casa a uma hora pouco usual, viu Eduardo na cama com uma das suas amigas. Em silêncio juntou as suas roupas e saiu de casa.

&&&

Estavam os dois sentados no chão, de mãos dadas, no Cais das Colunas. À sua frente, o Tejo e atrás deles uma multidão ruidosa que aguardava o início do concerto. Completamente alheados, mantiveram-se em silêncio observando o leve vaivém das ondas.


&&&

Luísa pegou no comando e ligou o televisor. As imagens eram aterradoras. Prédios em ruínas e um caos avassalador. Gente que corria em busca de abrigo, adultos desesperados com crianças feridas ao colo que procuravam por socorro, corpos no chão e o ribombar das explosões que continuavam indiferentes ao sofrimento e à destruição. Luísa ficou apática, em silêncio, vendo as imagens de uma realidade inconcebível em pleno século XXI.

&&&

João vinha da escola e, ao chegar junto da passadeira para atravessar a rua, viu um senhor idoso, apoiado na sua bengala, hesitante. Percebeu que ele estava com receio de ser atropelado. Então, aproximou-se, deu-lhe a mão e, em silêncio, conduziu-o até ao outro lado.

Graça Cêncio



Desfiando o fio da escrita

“Borboleta é um ser de misteriosos nadas”

As borboletas têm um significado especial para muitos povos.

São, primariamente, consideradas o símbolo da transformação.

Devido ao processo da metamorfose a que estão sujeitas.

Contudo, também representam a felicidade, beleza e renovação.

As borboletas pertencem ao grupo de insetos polinizadores:

Abelhas, abelhões, vespas, moscas, escaravelhos e borboletas.

Porém, as borboletas são dentre todos eles o inseto mais bonito.

Devido aos diferentes coloridos das asas das variadas espécies.

As borboletas são uns seres de “*misteriosos muitos*” de felicidades.

São atraídas por flores e folhas de plantas de hortas, jardins e matas.

Com colorações vistosas, num voo leve e elegante, difundem beleza.

Atraem os olhares dos visitantes dos seus *habitats* para verem o seu fulgor.

Insetos alados vão semeando sonhos, de novas vidas, plenos de significação.

Porque as cores das asas das borboletas têm cheiros coloridos aqui expressos:

- A cor azul simboliza a lealdade e a harmonia.
- A cor amarela simboliza a vitalidade e prosperidade.
- A cor branca simboliza a calma e a paz.
- A cor laranja simboliza a paixão.
- A cor rosa simboliza a feminilidade.
- A cor vermelha simboliza, além da paixão, a sorte no amor.

Jerónimo Pamplona



Desafiando o fio da escrita

No autocarro

Dia de sol, mais outonal que primaveril, a enganar o inverno, a convidar a sair...

Era longa a viagem de autocarro pela periferia da capital, contudo, num raro dia de pouca pressa em que coincidia poder partir no início da carreira e ter como destino o seu término, por que não beneficiar do passe sénior em hora de pouco tráfego e, descontraidamente, experienciar um percurso que, numa parte, até permitia saborear as faldas de Monsanto, o ‘pulmão’ da cidade?


Ao embarcar, dada a inerente escassa ligeireza acarretada pelas intempéries trazidas pela minha honrosa idade e apesar de haver poucas pessoas para entrar na viatura, não deixei de sofrer um ligeiro e perdoável empurrão acompanhado de um desajeitado ‘com licença’ feminino. Deu para perceber de imediato que se devia, atrás de mim, à ginástica de mãe e carro de bebé para o acantonar no local que lhe era próprio situado frente à porta de saída, localizada mais ou menos a meio do autocarro. Optei por me sentar logo num dos primeiros bancos ainda vazios e preferi um de costas para o condutor (um velho hábito que tenho de viajar em posição que contraria o sentido da marcha em linha com os pequenos gestos quotidianos de estimulação cerebral que facilmente nos podemos oferecer a bem da nossa saúde).

A minha opção fez com que ficasse involuntariamente em posição de ter uma panorâmica do interior do veículo, nomeadamente, que observasse em diagonal a criança duns 9 a 15 meses, de costas para mim no carro de bebé e, face a face, a mãe de pé encostada em frente do mesmo. Uma jovem por volta dos 25 anos e aspeto modesto que, a dado momento, com o choramingar da criança, num gesto brusco, lhe retirou a chucha da boca, a separou rapidamente da fita e mola respetivas, a levou à sua própria boca e, num ápice, a meteu na boca da criança com um automatismo que vincava ser um comportamento usual. De imediato e, também com ar de comportamento habitual, volteou a dita fita da chucha no telemóvel, fez da mesma uma suspensão para aquele, a qual se percebia estar bem ensaiada, e prendeu-o no carrinho já ligado com um vídeo infantil como se montasse um palco. Silenciosa e atenta a criança seguia todos os movimentos e, habituada que estaria àquele ritual, logo se ajeitou para ‘mergulhar’ de imediato no écran.

Uma cena doutros tempos. Uma cena da atualidade. Dá que pensar...

A primeira, uma espécie de autovacina tradicional que, se outrora seria protetora de famílias confinadas nas suas comunidades de então, que riscos comportará agora? A segunda, para que ‘criança não incomode’, o precoce ‘treino’ de telemóveis e afins desde tenra idade, o novo risco, a dependência dos ‘écrans’!!!

Luísa Machado Rodrigues



Desafiando o fio da escrita

Dia dos namorados enamorados

Fevereiro celebra o “Dia dos Namorados” no dia 14.

E porque não o dia dos Enamorados?

Namorar nem sempre é sinónimo de estar enamorado. Celebrar o namoro é importante, contudo, celebrar o estado de alma que o enamoramento provoca, é algo transcendental, completo, grandioso, profundo. Poderá prescindir da parte comercial a que “namorar” está tão associado neste dia.

Enamorar-SE, é algo a nível pessoalíssimo, é intransmissível e um sentimento especial passa a comandar a vida. É um estado de alma ímpar, tudo se transforma, enriquece, ameniza, aprofunda, faz sentido... As ondas de felicidade plena projetam-se, não beneficiam apenas os envolvidos! São contagiantes e propagam-se ao mundo, expandem a felicidade porque nós somos energia e a energia vibra na ressonância da sua origem.

Celebrar o enamoramento e usufruir das suas bênçãos, é a reflexão que neste mês de fevereiro partilho com todos e sobretudo com o mundo de sofrimento, desamor e dependências.

O Amor, com os seus atributos de gentileza, carinho, bondade..., é urgente entre todos.

O Amor é um fluxo livre, um presente que se propaga entre corações e que se destina a todos os seres vivos.

O Amor, nalguns relacionamentos, por vezes é confundido com expetativas, chavões, carências, condicionalismos, dependências, apegos, interesses...

Transcender tudo isso, leva à totalidade que a alma pede.

Há muita dor e sofrimento, mas também há muita compaixão, bondade e AMOR!

Quanto mais nos focarmos nisso mais o fortaleceremos!

Ao apreciar o céu azul, o chilrear dos pássaros, o esvoaçar das borboletas, o desabrochar das flores, a refeição que nos alimenta e que resulta do contributo de muitos, estamos a engratecer e a cantar hinos de AMOR e a melhorar o mundo. Enamorarmo-nos do belo que a simplicidade pura nos oferece, poderá ser um meio de refinamento de virtudes pessoais, tão valiosas nos relacionamentos românticos e não só.

Socialmente o conceito relacionamento precisa ser cuidado, olhado com Amor e respeitado. Afastar os julgamentos e perceber que temos bagagens diferentes que nos caracterizam e diferenciam.

Namorar dá alguma cor à vida, inegável!

Enamorar-se é a vida a ser banhada pelo arco-íris e a alma a rejubilar.

As restrições, e tudo que aprisiona serão abandonados e a comunhão com o universo acontece, a felicidade ganha espaço e, cada um à sua maneira, terá o tempo certo para as suas vivências.

Maria de Lourdes Santos




Desfiando o fio da escrita

Cirros

Céus azuis, muito azuis!
Na natureza, o belo
Sobre azul puro
Cristais de gelo
Espriados em flocos de algodão
Finos, leves, esfarrapados
Flutuantes asas de anjos
Da natureza ilusão
Nuvens de altitude
Cirros são
Bom tempo anunciam
Para quando paz anunciarão?

Maria Silveira



Desfiando o fio da escrita

Ninho Azul

Tenho um ninho azul
Da cor do céu
Da cor do mar
Entro
e a penugem envolve-me
Macia
para não me magoar
Deixo os soluços lá fora
Mágoas não podem entrar
E os sonhos começam
Coloridos
O que eu quiser inventar
Não há distúrbios
Não há ruídos
Só silêncios
E a música
que eu quiser escutar
Sozinha
ou contigo
é só fechar os olhos
e voar

Mitú Branco




Desfiando o fio da escrita

Amor, Amor

é quando olho para ti e vejo os teus olhos a brilhar
a tua mão a segurar a minha
o teu abraço doce a aconchegar-me ao peito
Amor, Amor
é quando sinto o teu coração a galopar
encostado ao meu
e quando num temporal desfeito
ou nas ondas calmas de um tranquilo mar
eu já não sei
se és tu ou se sou eu

Mitú Branco



Desfiando o fio da escrita

Camões à minha maneira


Almerinda gentil, que já partiste
Tão cedo do baile, descontente
Repousa agor'o pézinho dormente
Que eu cá fico na sala tão triste

Se me assento no lugar onde sorriste
Memória do riso se presente
Não te esqueças do pézinho decadente
Que à rápida dança não resiste

E se vires que posso oferecer-te
Sapato novo que me agradou
Meu Amor, não vou esquecer-te

Roga ao TVDE, que a distância encurtou
Os sapatos vão proteger-te
Benção p'ra os teus calos chegou!

Maria Teresa Castro Nunes




Desfiando o fio da escrita

O naufrágio

O rapaz adorava velejar. Era esse o seu desporto preferido, sempre que dispunha de algum tempo livre. Aos fins de semana, com bom ou mau tempo, era vê-lo correr para o seu barquinho e fazer-se ao mar. Era um barco pequeno, mas muito resistente e o rapaz era exímio na forma como o manobrava.

Numa certa manhã de primavera, foi para o mar bem cedo, como era seu hábito. O mar estava calmo, um vento fresco enfunava a vela e um céu bem azul apenas com algumas pacíficas nuvens, prometia um belo dia de sol. Belo dia para andar no mar, pensava ele, enquanto punha a tocar a sua música preferida. Embalado pelas ondas e por uma doce melodia vinda do seu gravador, acabou por adormecer. Algum tempo depois, minutos ou horas ele não saberia dizer, acordou sobressaltado, sentindo que algo tinha mudado. O vento era agora forte, o céu negro prometia muita chuva e as ondas alterosas ameaçavam o barco. Tudo levava a crer que se aproximava uma grande tempestade. O rapaz não se assustou; estava habituado às mudanças repentinas do mar. Rapidamente recolheu a vela antes que o vento a rasgasse, vestiu o impermeável e tomou conta do leme. Estava pronto. Em breve a borrasca chegou. O vento tornou-se cada vez mais forte, os trovões e relâmpagos sucediam-se e uma chuva torrencial começou a cair. As ondas cada vez maiores iam inundando o barco e o rapaz não tinha mãos a medir; tentava manter o leme bem firme, mas o barco cada vez mais pesado, adornava. Por fim deu-se o inevitável; uma onda ainda maior que as anteriores lançou-se sobre o barco, empurrando-o para o fundo. O rapaz só teve tempo de se agarrar a uma boia e deixar-se levar pelo mar; assim se manteve enquanto a tempestade durou. Por fim, encharcado, exausto e cheio de sede, apercebeu-se de que o tempo tinha amainado. Olhou atentamente até à linha do horizonte na esperança de que algum barco estivesse perto, mas infelizmente, estava completamente só. Em que direção nadar? Não tinha a menor ideia. No entanto, um bando de aves, chamou-lhe a atenção; talvez fossem gaivotas a perseguir um barco de pesca ou houvesse terra nas proximidades. Um novo ânimo nasceu nele e recomeçou a nadar em grandes braçadas. Em breve se deu conta de que lá ao longe havia uma pequena mancha escura de terra sobre a qual imensas aves esvoaçavam. Estava salvo!

Pilar Encarnação



Desfiando o fio da escrita

Tempo de Carnaval

No Carnaval ninguém leva a mal

excessos brincadeiras e tal

É tempo de disfarces loucos

É tempo de tomar a figura alheia

tempo de saltar atitudes perfeitas do ano inteiro

No Carnaval ninguém leva a mal fazer caretas

vestir a pele do maroto que há em nós

Ousar e pintar a manta

fazer críticas a alguém que de outro modo não ficaria bem

No Carnaval ninguém leva a mal

convidar um amigo para um café

esconder no açúcar um pouco de sal

e rir a bom a rir porque é partida de Carnaval

Vestir de homem se é mulher ou de mulher se é homem

disponível para brincar

e nada levar a mal

porque é Carnaval

Ir a um baile de máscaras e dançar

dançar, rir como um tolo, brincar à toa

porque é tempo de Carnaval


E seja marinheiro, doutor ou militar

ninguém leva a mal porque é Carnaval

Aproveita Zé Povinho para dos políticos

dizer mal

Aproveita, o momento é de Carnaval...



Desfiando o fio da escrita

Eu sei que a humanidade é mais gente de que eu -

Pois sabes!

E no entanto espraies-te
Em beligerantes futilidades
Desmesurados sofrimentos causados
Agarrado a famigerados elixires
Inconfessáveis

Pois sabes!

E no entanto a desumanidade prevalece
A compaixão é-te uma palavra desconhecida
O outro um alvo a abater

Pois sabes!

Ao apelo do teu semelhante
À ameaça ao teu conforto
Como a avestruz escondes a cabeça na areia
O pior cego é sempre quem não quer ver

Pois sabes!

Mas continuas a assobiar para o lado
Enquanto sob o teu olhar
A malevolência discorre Impunemente

Pois não sabes!

Mas a humanidade é um sentimento solidário em relação aos outros, é uma soma de benevolência, bondade, compaixão.

E como o Poeta Sufi do século treze, também tu pudesses dizer:

“ O ser humano é uma casa de acolhimento. A cada manhã chega um novo hóspede: Uma alegria, uma tristeza, uma maldade, que vêm como visitantes inesperados. Dá-Lhes as boas-vindas e recebe-os a todos. Agradece a todos os que te visitam, porque todos te foram enviados como guias para o Transcendente ”

Para uma humanidade, que sim, é mais gente de que tu.

Vasco Patrício



Desfiando o fio da escrita

Nova Atena - Universidade Sénior de Linda-a-Velha
Coordenação e design gráfico - Midá Sá-Chaves